



DECRETO N.º 5.414, DE 29 DE MAIO DE 1978.

Denomina Charles Chaplin uma praça do Município de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada PRAÇA CHARLES CHAPLIN — Ator — a Praça sem denominação da Vila Nova, entre os dois (2) ramos da Rua João Batista Signore.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 29 DE MAIO DE 1978.

DR. FRANCISCO AMARAL
 Prefeito do Município de Campinas
 DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
 Secretário dos Negócios Jurídicos
 ENG.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
 Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 32.269, de 28 de dezembro de 1.977, em nome do Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 29 de Maio de 1978.

DR. ALFREDO MAIA BONATO
 Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

Chaplin

- UM NOBEL PARA O GÊNIO QUE INVENTOU CARLITOS.



NO PRÓXIMO dia 5, ao encerrar-se o Festival de Veneza, Charles Chaplin receberá o único prêmio que de agora em diante, naquele certame, será anualmente conferido ao mais destacado personagem mundial do cinema e que deverá significar uma espécie de Nobel da arte cinematográfica.

Talvez haja pouco que dizer-se de novo sobre esse homem, que a bem dizer nasceu com o próprio cinema e que em 1917 (há mais de meio século) era já uma das figuras bafejadas por uma das maiores popularidades em todo o mundo. Seria curioso lembrar que hoje as publicações sobre a obra de Charles Chaplin podem comparar-se, quantitativamente, àquelas que se fizeram sobre Shakespeare.

E é provável que em nossa época não haja obra artística de caráter mais universal que a do criador de Carlitos. Sua obra — disse Jean Cocteau — dirige-se a todas as épocas, a todos os povos. É o sorriso-esperanto. Sem dúvida, com sua ajuda teria sido possível concluir a Torre de Babel.

Por tudo isso vale a pena resenhar, neste momento, a infância triste de Chaplin, sua iniciação na típica pantomima inglesa, suas realizações no cinema, as lutas que enfrentou nos Estados Unidos, sua sátira ao hilerismo, sua indiferença pelas inovações técnicas da cinematografia e sua resistência a introdução do som na tela.

CENÁRIO DA INFÂNCIA

Nascido em Londres a 16 de abril de 1889, de pai de origem francesa e mãe judia-irlandesa, Charles teve uma infância traumatizada pela orfandade, pelo frio e pela fome, sofridos em Kennington e em Cottenham Street, ruas e bairros miseráveis, enfumacados pelas chaminés das fabricas, entre casas soturnas e tristes, configurando bem aquele País Negro de Dickens em que os utilitaristas britânicos — no dizer de um sociólogo — haviam transformado o País Verde de Shakespeare.

As escuras habitações desses bairros encarvoados constituíram o cenário de sua meninice, com as formas duras e as cores sombrias que ele transportaria, praticamente, para todos os seus filmes. "Seus cenários denunciariam com em um asilo.

Lutou desde pequeno, trabalhando numa barbearia e depois numa loja de brinquedos, ingressando por sua vez em um conjunto de "music-hall". Aos catorze anos de idade conseguiu um primeiro papel de certa importância numa peça teatral.

Firmou-se então na carreira do teatro sendo, já moço, contratado pela companhia de Fred Karno, que apresentava a típica pantomima inglesa, com a participação de cantores, de bailarinos, de acrobatas, de palhaços, de excêntricos. E com esse conjunto foi para os Estados Unidos, em excursão, em 1910. A viagem seria decisiva para seu destino.

raiva a miséria e a impotente resignação de sua infância". Sua mãe e seu pai — este último o vício do álcool levou logo deste mundo — tentavam ganhar a vida em circos e em "music-halls". Aos cinco anos de idade o pequeno Charles acompanhou a mãe, já viúva, para outro bairro londrino ainda mais miserável, o de Lambeth, onde ela enlouqueceu, sendo Chaplin e seu irmão Sidney internados

O HOMEM DA BENGALINHA

E provável que nesse tempo em que trabalhava na Companhia Karno, em excursão pela América do Norte (onde Chaplin fora notado pelo cineasta Sennett, que o mandaria buscar depois à Inglaterra) já estivesse esboçada em seu espírito a figura de Carlitos, o vagabundo imortal em que revelaria o seu extraordinário poder de criação.

Mas os estudiosos da obra chapliniana mostram-se mais inclinados a supor que o tipo de Carlitos poderia ter sido criado em fevereiro de 1914 (quando Chaplin já trabalhava como ator de cinema) ou pouco depois (em 1915) quando a figura de Carlitos surgiu no filme "The Tramp" ("O Vagabundo"), com todas as marcas essenciais que daí por diante a definiram.

Carlitos sintetiza o vagabundo sem família, sem amigos, sem pátria, sem ideais de espécie alguma, buscando apenas um abrigo e um alimento. Está sempre a um passo do ridículo e do sublime. Com Carlitos — escreve Otto Maria Carpeaux — Chaplin mostrou ao homem comum a realidade de sua vida, maltratado em casa e humilhado no trabalho, traído pela mulher que ama e escarnecido pelos amigos, sufocado no onibus e atropelado na rua. O próprio Chaplin explicaria Carlitos e sua aparência: "Se se vestisse como um cavalheiro ou como um operário, Carlitos seria o burguês desgraçado ou o operário desgraçado. E Carlitos é o homem desgraçado".

SETENTA E NOVE FILMES

Descobrimos, para o cinema, o homem e a vida real, Chaplin conseguiu — no período de 1912 a 1915 — acabar com o antigo folhetim cinematográfico, marcando com sua atividade a criação do cinema como arte e não como simples espetáculo.

Fez 35 filmes para a Keystone, companhia fundada por Mack Sennett (em 1912 e 1913) e mais 14 para a Essanay (em 1914 e 1915). Nos anos seguintes (1916 e 1917) concebeu e realizou 12 filmes para a Mutual, entre os quais "Easy Street" ("Rua da Paz" ou "Rua dos Milagres"), que muitos críticos consideram ainda sua obra-prima. Já era então o mais bem pago dos atores do cinema norte-americano.

Contratado em seguida pela First National, nessa companhia produziu 8 películas (1917-1922), uma das quais, "The Kid" ("O Garoto" ou "O Menino"), cuja estreia ocorreu em 1921, em Nova Iorque) foi o ponto de partida para o êxito universal de Chaplin e para que se começasse a compreender que ele era muito mais que um simples fabricante de riso.

A partir de 1923, na United Artists, produziu seus últimos dez filmes: "A Woman of Paris" ("A Mulher de Paris"), "The Gold Rush" ("Em Busca do Ouro"), "The Circus" ("O Circo"), "City Lights" ("Luzes da Cidade") — que a maior parte da crítica e do público considera sua maior criação — "Modern Times" ("Tempos Modernos"), "The Great Dictator" ("O Grande Ditador"), "Monsieur Verdoux" ("O Barba Azul"), "Limelight" ("Luzes da Ribalta"), "A King in New York" ("Um Rei em Nova York") e "A Countess from Hong-Kong" ("A Condessa de Hong-Kong").

FONTES CHAPLINIANAS

Quais as fontes próximas ou remotas da arte de Charles Chaplin? Em ensaio publicado há dois anos escrevia um cronista: "Para buscarmos a mais remota das fontes (ou origens) chaplinianas, já desprezando seus inspiradores mais próximos, como Dickens ou Gogol, desprezando mesmo o maior deles — Shakespeare — ou talvez o mais frequente — Cervantes — chegaremos a Homero".

Mas esse autor chama a atenção do leitor para fato de que deve ser somado, aos longínquos veios da inspiração literária de Charles Chaplin, o nexo existente entre a sua arte e toda a arte de vanguarda de nosso século.

E estabelece penetrante e curioso paralelo entre a grande criação de Chaplin (Carlitos) e o Dom Quixote. Dom Quixote — observa — jamais comeria uma bota pensando que fosse um bife. "Carlitos é mais trágico. Seus olhos nunca duvidam do que realmente está vendo: vê uma bota em seu prato. Apesar disso, tempera-a com sal e pimenta, come-a, faz espagete dos cordões, chupa os pregos como se fosse ossos. Repele qualquer auto-sugestão: quer mesmo comer a bota, a fome e a miséria juntas não lhe dão outra alternativa... E palita os dentes, satisfeito, depois desaperta o colete para fazer a digestão, não a digestão do bife, mas a digestão da bota".

C H A P L I N

- UM NOBEL PARA O GÊNIO QUE INVENTOU CARLITOS

ACUSADO DE SER AGITADOR

Quando se tornou popular e ganhou prestígio com alguns de seus melhores filmes, Chaplin começou a provocar a irritação nos Estados Unidos. Irritação contra o judeuzinho inglês, que parecia estar satirizando a sociedade norte-americana.

O filme "Uma Mulher de Paris" (1923), defendendo uma pecadora e condenando a intransigência moral, chegou a ser proibido em quinze Estados. Outro, "Shoulder Arms", foi um brado de revolta contra os aproveitadores do sentimento patriótico. "Chaplin — observa o mesmo autor — comprazia-se em perdoar e elevar essa humanidade anônima que vegeta através dos séculos, servindo de cenário aos heróis e aos tiranos".

Talvez por tudo isso, ao lançar "Tempos Modernos", tenha sido acusado de agitador social. Sabe-se que houve até um movimento subterrâneo para que o Departamento de Estado o expulsasse dos Estados Unidos. Chaplin soube replicar com muita ironia: "Não me considero cidadão de nenhum país em particular. Sou um cidadão do mundo".

LUTA CONTRA O NAZISMO

Quando Chaplin rodava "O Grande Ditador" — sátira ao hitlerismo, então no apogeu — começou a receber ameaças de toda a espécie. Mas declarou: "Vou exibi-lo publicamente, nem que tenha de comprar ou mandar construir um teatro e ainda mesmo que o único espectador seja eu próprio".

O lançamento desse filme provocou a ira de Adolf Hitler. Não admitiam, os homens do Terceiro Reich, que um "judeuzinho sujo" ridicularizasse e amesquinhasse a imagem e as idéias daquele que pretendia salvar a "raça pura".

"Antes de Roosevelt, antes de Pearl Harbour — escreve o mesmo cronista — Chaplin entrou na luta". Pelo rádio e pela imprensa chamou a atenção do mundo para o massacre de israelitas e — coisa espantosa — "justamente na hora da adversidade é que Chaplin se sentiu judeu".

A verdade é que, nessa época, em nome das boas relações que precisavam ser mantidas entre a Alemanha Nazista e o governo dos Estados Unidos, o filme "O Grande Ditador" esteve interdito e só depois do episódio da Pearl Harbour foi liberado.

A BELEZA DO SILENCIO

Uma das feições mais curiosas do cineasta Charles Chaplin é que, mesmo quando se tornou independente (dispondo de técnicos, de fotógrafos e de artistas de grande mérito) continuou desprezando qualquer inovação nos dispositivos ou nas técnicas que desde o princípio utilizara. "Basta atentarmos para as obras mais recentes de Chaplin — escreve o autor já citado — e veremos que os chamados "recursos



técnicos" que a arte e a indústria do cinema produziram neste meio século não afetaram a gramática elementar do cineasta Charles Spencer Chaplin".

Essa feição se revelou inclusive em sua conhecida resistência ao cinema sonoro. Chaplin disse certa vez: "O cinema é uma arte pictórica. O som aniquila a grande beleza do silêncio". E dois de seus maiores filmes de todos os tempos, feitos já na era do cinema sonoro, são silenciosos: "Luzes da Cidade" e "Tempos Modernos". Com o absoluto êxito do primeiro desses filmes, ao estrear em 1931, Chaplin conquistou o direito de continuar mudo na tela.

Só quebraria esse silêncio em "O Grande Ditador", quando — para usar mais uma citação de Carlos Heitor Cony, o autor em questão — abandonou simultaneamente o seu individualismo. "Neste filme a luta do vagabundo não é mais pelo seu pedaço de pão (ou osso). É pelo pedaço de pão e o osso de milhares de outros vagabundos, de todos os vagabundos, vale dizer, de todos os homens. Rompendo com o seu feroz individualismo, Chaplin romperia também com o silêncio, aderindo ao cinema falado, ao qual não se rendera ainda".

(Do "Departamento de Documentação" do "Diário de São Paulo", de S. Paulo, publicado em 31-08-1969)



A Morte de Chaplin

Graciano Horta LISBOA

Ao saber da morte de Charles Chaplin, às 4 horas de domingo, dia de Natal, o grande ator inglês Laurence Olivier declarou que ele deve ser lembrado "como o maior comediante de todos os tempos. Eu tinha cinco anos quando vi um de seus filmes pela primeira vez. Fui com meu irmão, quase morremos de rir". Quantas pessoas no mundo diriam exatamente a mesma coisa! Quantas gerações carregam dentro de si a nostalgia daquela figura de bigodinho, calças muito largas, paletó justo, sapatos imensos e bengalinha na mão, fazendo as pessoas morrerem de rir e que é, segundo seu próprio criador, "um herói convencional, vítima que triunfa sobre o carrasco social não pela força, mas graças à engenhosidade de uma forma de espírito que não tem nada a ver com inteligência".

Quem não se lembra de "O Vagabundo" (The Tramp), lançado em 1915 considerado o primeiro clássico da obra de Chaplin, quando ele conseguiu alcançar a forma definitiva de elementos que estiveram em embrião em vários de seus filmes anteriores. Atinge momentos de intensa emoção, surpreendendo o espectador acostumado a apenas rir com Carlitos.

Marcou muito também o "Vida de Cachorro" (Dog's Life) lançado em 1918, de construção ingênua, onde o vagabundo luta por um emprego e o cachorro luta por um osso, ambos encontrando a concorrência de seus semelhantes, levando-os à condição de perseguidos, que os une ainda mais.

"O Garoto" (The Kid) talvez tenha sido o mais popular filme de Chaplin, seu primeiro longa metragem, lançado em 1921; ficou famosa e foi muito reproduzida a figura do vagabundo e do garoto sentados na soleira de uma porta.

"Luzes da Cidade" (City Lights), de 1931, tem como personagens principais um vagabundo, uma jovem cega e um milionário excêntrico e é considerado o momento mais perfeito de sua arte em fazer rir e chorar alternadamente.

Lançado em 1936, "Tempos Modernos" (Modern Times) é ainda um filme mudo, embora já houvesse vários filmes falados, e Chaplin usou a sonorização apenas com duas músicas, que também fizeram sucesso independente do filme.

Usando a sátira política e a mensagem social, Chaplin quis dar consciência da desumanização dos tempos modernos e Carlos Heitor Cony assim se manifestou: "Acreditamos que de todos os filmes de Chaplin, hoje em dia o mais citado seja Modern Times. É o mais atual, o mais denso de significação e de luta. Não é um filme comunitário — como alguns imbecis defendem ou acusam — pois é, sobretudo, como definiu o próprio Chaplin, a história

do indivíduo, da Indústria e da Humanidade em busca da Felicidade.

Muitos filmes de Chaplin suscitaram inúmeras polêmicas, mas o tempo foi mostrando ao público, e à crítica que quase todos eles eram verdadeiras obras-primas, que conseguiram permanecer cada dia mais atuais e Chaplin tinha consciência disso quando declarou: "Acho que quando parar, quando não estiver mais aqui, meus filmes serão alguma coisa que deixei para meus filhos, tenho orgulho do trabalho que fiz".

Charles Spencer Chaplin nasceu a 16 de abril de 1889, num bairro pobre de Londres, filho de uma atriz de terceira categoria, neurótica e de um cantor de vaudeville alcoólatra, que se separaram quando ele ainda era bem pequeno.

A infância marcada pela miséria, pela humilhação de ter que recorrer a instituições de caridade para conseguir o que comer, de morar no asilo de pobres de Lambeth, de ser recolhido na Escola de Hanwell para Crianças Orfãs e Indigentes, talvez explique o grande apego ao dinheiro que revelaria mais tarde, abominando a pobreza: "Nunca achei a pobreza atrativa nem edificante. O que ela me ensinou foi só uma distorção de valores, a superestimar as virtudes e os refinamentos dos ricos e das pretensas elites sociais".

Casou-se quatro vezes: a primeira em 1917 com Mildred Harris, na época uma garota de 16 anos; a segunda com Lita Grey, com quem teve dois filhos (Charles e Sidney); a terceira com Paulette Godard, famosa atriz, que mesmo após o divórcio em 1941 continuou fazendo sucesso no cinema; a quarta, em 1943, com Oona O'Neil, de 18 anos, filha do dramaturgo Eugene O'Neil, Chaplin estava com 54 anos.

Oona declarou: "Quando nos conhecemos eu tinha apenas 16 anos. Era apenas uma menina. Mas daí em diante não vi mais nada. Não vivi para mais ninguém. Charlie é todo o meu mundo".

Tiveram oito filhos (Geraldine, Michael, Josephine, Victoria, Eugene, Jane, Anette e Christopher) e, com excessão de Geraldine, estavam todos com Oona, ao lado de Charles Chaplin, na grande casa da família em Vevey, na Suíça, para comemorar o Natal, quando ele morreu.

Aos 88 anos Chaplin já necessitava há algum tempo de cadeira de rodas para que Oona o levasse para passear: "Na convivência com Oona, não cesso de apreciar, através de novas revelações, a profundidade e a beleza de seu caráter. Até quando ela vai à minha frente pelas estreitas calçadas de Vevey, com ar tão simples e tão digno, a sua harmoniosa figurinha erecta, os negros cabelos puxados para trás e mostrando alguns fios de neve, desaba sobre mim uma onda de amor e de admiração por tudo o que ela... e sinto um aperto na garganta".

E foi Oona Chaplin quem, chorando muito, anunciou: "Meu marido morreu calmamente enquanto dormia. Nós sempre celebramos o Natal em grande forma. Todos os presentes estavam sob a árvore. Charlie nos deu tanta felicidade que, embora já estivesse doente há muito tempo, é muito triste que tenha falecido justamente no dia de Natal".